Confederação do Equador

1824—1924

Pelo Dr. Bruno Barbosa.

A Confederação do Equador, movimento politico, de caracter fundamente nacionalista e, naturalmente como necessariamente, republicano, cujo 1.º centenario se commemora hoje, com feriado decretado pelo Congresso Nacional, teve a sua origem directa e immediata no acto de violencia, e arbitrio de Pedro I, dissolvendo a Constituinte, a 12 de novembro de 1823.

Pedro I, com o seu acto, de que viria a soffrer as consequencias em 1831, fez insurgirem-se os monarchistas liberaes que detestavam o absolutismo de que esse acto parecia ensaio, e os nacionalistas que suspeitavam o jovem imperador de conluiado com seu pae, João VI, na entrepreza de recolonizar o Brazil. E se a segunda hypothese era destituida de fundamento, tinha a primeira todos os visos de provavel.

A dissolução da constituinte alarmou intensamente a opinião publica, tanto na Côrte quanto nas provincias e, emquanto na capital do imperio a força supplantava a liberdade, nas ultimas era vehemente o espirito de rebellião contra o governo imperial.

Nas provincias do Nordeste lavrara mais intenso o incendio, graças ao meio propicio á sua propagação. Mal terminavam as lutas que se seguiram ao grito de Independencia: a Bahia se orgulhava da victoria sangrenta de 1823 e expulsão das tropas portuguezas; Pernambuco era o fóco mais ardente de nacionalismo adquirido desde as lutas épicas com os hollandezes; o Ceará ainda não depuzera as armas com que combatera Fidié no Piauhy e no Maranhão; o Pará sangrava pelas feridas de 1823; Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagoas gravitavam em torno de Pernambuco.

Em todas essas provincias a dissolução da Constituinte provocara manifestações de revolta, todas com tendencia republicana, unica alternativa que restava aos liberaes e nacionalistas na sua incompatibilidade com o imperador.

No Ceará, o primeiro brado, primeiro tambem no Nordeste, foi lançado por obscura villa sertaneja, Quixeramobim, cuja Camara Municipal, em sessão solemne, inspirada pelo padre Albuquerque Mello Mororó «declarou D. Pedro e sua dynastia decahidos do throno do Brazil, proclamando o governo republicano». O exemplo foi logo seguido por outras villas do sertão e a propria Junta Provisoria de Fortaleza dirigia a 31 de março energica representação ao imperador: «é indizivel o desprazer universal que causou nesta provincia do Ceará a noticia infausta da dissolução da assembléa geral constituinte e legislativa da Nação Brazileira, no fatal dia 12 de novembro do anno passado, no Rio de Janeiro. Cada cearense, senhor, pensa ainda agora atacados os seus direitos, nas pessoas dos seus legitimos representantes pelos movimentos daquelle dia, que entretanto offusca a gloria do ingenuo povo brazileiro, que de melhor grado abraçará os massacres e a morte do que recahir no antigo e abominavel jugo...»

Causam pasmo hoje taes expressões dirigidas

ao proprio monarcha, hoje que o servilismo mais ignominioso avassala os homens publicos, ante os temporarios senhores do poder. Morreriam mil vezes vereadores e governadores de Estados e não ousariam dizer qualquer palavra de simples dissenso a qualquer secreto pensamento de um ministro. O presidente da Republica, esse faça o que fizer, ninguem ousa siquer pensar em discordar de suas opiniões ou actos.

E' de ver que se encaminhavam os acontecimentos para a luta armada; Pernambuco, cuja hegemonia, dada a sua importancia historica, economica e politica, era incontestada, foi o centro do movimento revolucionario.

Não vale recordar pormenores. Depois de negociações, tergiversações do governo, exigencias crescentes dos revolucionarios, foi afinal recusado o governador escolhido pelo imperador a quem dirigiram representação pedindo outro governador, nestes e outros extraordinarios termos: «Consideramos nós, porém, que, pelo contrario, os males se exacerbariam pela falta de opinião publica em que infelizmente tem cahido a mencionada pessoa eleita por V. M., accrescendo sobretudo a desconfiança não pequem em que se acham todos os habitantes desta provincia pelo extraordinario acontecimento que teve logar nessa corte no dia 12 de novembro do referido anno, receiando com grande inquietação o restabelecimento do antigo e sempre detestavel despotismo, a que estão dispostos a resistir corajosamente...»

Como são differentes dos de ha um seculo os cearenses e pernambucanos de hoje!

O imperador, é estupendo!, accedeu aos desejos minazes dos pernambucanos e lhes nomeou novo governador, que não chegou a empossar-se, tão precipites se fizeram os acontecimentos.

A 2 de julho de 1824 deu-se o rompimento definitivo, dirigindo Manoel de Carvalho Paes de

Andrade, figura primacial, ex-presidente da Junta Governativa, o seu manifesto republicano «aos brazileiros», explicando os motivos da insurreição de «seis provincias do norte» e concitando a segui-las todas as mais: «Eia, pois, brazileiros, tratemos de constituir-nos de um modo analogo ás luzes do seculo em que vivemos... imitae os valentes de seis provincias do norte...»

Procura-se, sem exame, dar á ephemera Confederação do Equador caracter de movimento separatista. Este nunca ella o teve. Prova-o o manifesto do seu mallogrado chefe. Não era possivel o accordo previo com as mais provincias. Iniciado o movimento, esperavam os nordestanos ser acompanhados pelos seus compatriotas. Triumphasse a revolução e todo o Brazil se lhe aggregaria, ou só com o concurso de todas, ou das mais importantes provincias meridionaes, poderia ella triumphar.

Assim não aconteceu. Foi, ao contrario, prestes jugulada pelas forças maritimas e terrestres do governo, pezar do heroismo com que lutaram os indomitos republicanos. O que se seguiu foi a reacção feroz dos vencedores, acolytados pela covardia dos transfugas. Não merece relato.

Antes de encerrar esta commemoração de factos, tanto mais honrosos quanto ficaram sem reproducção, salvo na gloriosa revolução rio-grandense de 1845 a 1855, convem relembrar o papel primordial da imprensa pernambucana e cearense, republicana antes da propria proclamação da Republica. No Ceará, pregava as idéas novas o padre Mororó, no jornal official do governo revolucionario. No Recife, frei Joaquim do Amor Divino Caneca e João Soares Lisboa pregavam a republica na «Typhis Pernambucana». Os tres jornalistas pagaram com a vida a sua coragem civica, fuzilados Mororó e Caneca e morto em combate João Soares Lisboa.

O Congresso Nacional decretou feriado o dia de hoje. Não deveria fazel-o, porque é um acto de hypocrisia, tão afastados vivem os chamados representantes da nação dos sentimentos que animavam os republicanos de 1824. Se estes resurgissem, tomariam novamente as armas para implantarem, no Brazil, a Republica, «segundo as luzes do seculo».

Joaquim Catunda, autor da notavel «Historia do Ceará», encerra-a com a narrativa da revolução de 1824, e a ultima pagina do seu livro, escripto em 1885, é um brado de descrença a respeito da nossa capacidade para qualquer regimen de liberdade politica. E conclue: «não é capaz de liberdade o povo que viola sempre as leis que o garantem».

Que não escreveria o erudito historiador, se lhe fosse dado escrever, na passagem desse centenario, o cotejo do que ha com o que havia, no momento em que encerrava a sua pagina magistral ?

Relembrar para nós é lastimar. Fiquemos aqui.

(Commercio de Santos, 2-7-24).